



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**ISABELLA MARQUES NUNES**

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO:**  
**PERCEPÇÕES DE UMA PROFESSORA DO 1 ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**FORTALEZA**

**2023.2**

ISABELLA MARQUES NUNES

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA SALA DE AULA: PERCEPÇÕES DE UMA  
PROFESSORA DO 1 ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Profa. Dra. Claudiana Maria Nogueira de Melo.

Aprovado em: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Claudiana Maria Nogueira de Melo (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Luiz Távora Furtado Ribeiro  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aline da Silva Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

N925h Nunes, Isabella Marques.

Histórias em quadrinhos no ciclo de alfabetização : Percepções de uma professora do 1 ano do Ensino Fundamental / Isabella Marques Nunes. – 2023.  
49 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia  
, Fortaleza, 2023.

Orientação: Profa. Dra. Claudiana Maria Nogueira de Melo..

1. Histórias em quadrinhos. 2. Alfabetização . 3. Práticas de ensino. I. Título.

CDD 370

---

*À menina que uma vez fez uma história em quadrinhos sobre um garoto que quebrou o jarro da mãe.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à minha mãe Raimunda Marques da Silva e ao meu pai Jose Lima Nunes, duas pessoas que enfrentaram as maiores tempestades para se manterem e cuidar dos filhos, que sempre me apoiaram e nunca desistiram de mim. Obrigada pelas palavras de incentivo, pelo amor e pela dedicação. É por vocês.

Ao meu irmão, Jose Almir Marques Nunes por ser minha maior inspiração, por sempre acreditar em mim e ser meu melhor amigo. Agradeço todo dia pelo o Universo ter me feito sua irmã.

Ao meu irmão, Tiago Marques da Silva que sempre foi um exemplo de seriedade, destreza e liderança, você não deve saber, mas eu sou muito grata por chamar você de irmão. Além disso, obrigada por me dar dois sobrinhos maravilhosos, Hyago e Maya.

Ao meu querido amigo, Camilo, por ser meu editor e companheiro, esse trabalho não seria o que é sem você. Obrigada por encontrar tempo dentro do turbilhão que é sua vida, quando crescer quero ser igual a você. À Gadihe, minha querida e incrível amiga, por sempre abrir suas portas para eu encontrar refúgio e ser uma presença constante nos meus melhores e piores momentos.

A minha orientadora Profa. Dra. Claudiana Maria Nogueira de Melo por me acolher e me auxiliar nesse trabalho. Foi admiração à primeira vista.

Aos professores avaliadores deste trabalho, Aline da Silva Sousa e Luiz Távora Ribeiro Furtado pela presença e contribuições de melhoria desta pesquisa.

À professora que cedeu seu tempo e conhecimento para esta pesquisa, muito obrigada por me ensinar tanto em uma entrevista de uma hora.

Aos meus amigos e amigas que fiz durante essa trabalhosa, mas gratificante caminhada rumo à docência. Em especial a Mateus e Sylvanio por me ajudarem a continuar, me fazer rir quando eu só queria chorar e chorar quando eu só queria chorar.

“Indague-se... Na verdade, indaguem-se todos vocês... Que poder o INFERNO teria se aqueles aqui confinados NÃO fossem capazes de SONHAR com o PARAÍSO?”

(Sandman: prelúdios e noturnos por Neil Gaiman)

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as percepções de uma professora do 1º ano do Ensino Fundamental acerca do uso de histórias em quadrinhos para a aprendizagem inicial da leitura e da escrita, visando apresentar o conhecimento da professora em relação às histórias em quadrinhos (HQ) e descrever as abordagens para a utilização das HQ na aprendizagem inicial da leitura e da escrita. A metodologia utilizada é baseada em uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, onde utilizamos uma entrevista, semiestruturada, para alcançar os objetivos. Para embasamento teórico a respeito dos temas tratados utilizamos Waldomiro Vergueiro (2009; 2012), Paulo Ramos (2012) e Magda Soares (2010;2020). Os resultados evidenciam que a professora apesar de não ter em sua formação, leituras teóricas a respeito do tema, conhece o gênero através do seu próprio contato com as histórias em quadrinhos durante a infância e principalmente enquanto adulta. Outro aspecto relevante é a importância que a mesma dá para a aproximação das crianças com as HQs no sentido de se apropriar do gênero como meio cultural. Verificamos ainda que a professora percebeu a dificuldade que as crianças tinham em desenhar e desenvolveu uma sequência didática com a leitura e produção de histórias em quadrinhos. As atividades propostas pela professora trabalharam práticas de oralidade, leitura e escrita, mas outras como discussões entre as crianças, interações, podendo observar as diversas possibilidades que as histórias em quadrinhos podem acarretar.

**Palavras-chaves:** histórias em quadrinhos, alfabetização, práticas de ensino.

## RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo analizar las percepciones de una maestra de 1º año de la enseñanza fundamental sobre el uso de los comics en el aprendizaje inicial de la lectura y escritura, presentando el conocimiento de la maestra con relación a los comics y describir los abordajes para la utilización de las historietas en el aprendizaje inicial de la lectura y escritura. La metodología utilizada es basada en un abordaje cualitativa, de carácter exploratorio, donde utilizamos una entrevista, semiestruturada, para lograr nuestros objetivos. Respaldándonos como base teórica a respecto de los temas tratados los autores Waldmiro Vergueiro (2009;2012), Paulo Ramos (2012) y Magda Soares (2010;2020). Los

resultados evidenciaron que la maestra, por más que no tenga en su formación lecturas teóricas sobre la temática, conoce el género a través de su propio contacto con las historietas durante su infancia y principalmente en la adultez. Otro aspecto relevante es la importancia que la maestra señala en la aproximación de los niños con los cómics de forma a apropiarse del género como medio cultural. Verificamos que ella percibió la dificultad que los pequeños tuvieron en dibujar y desarrolló una secuencia didáctica con la lectura y producción. Las actividades propuestas por la maestra trabajaron prácticas de oralidad, lectura y escritura, además de discusiones e interacciones entre los niños, pudiendo percibir la pluralidad de posibilidades que los cómics pudieron señalar.

**Palabras-claves:** comics, alfabetización, prácticas de enseñanza.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Exemplo de enquadramento em plano geral.....	17
<b>Figura 2</b> - Exemplo de enquadramento em primeiro plano.....	17
<b>Figura 3</b> - Exemplo de ângulo de visão inferior.....	18
<b>Figura 4</b> - Exemplo de utilização da borda.....	18
<b>Figura 5</b> - Exemplo de utilização da borda.....	19
<b>Figura 6</b> - Balão de fala.....	20
<b>Figura 7</b> - Balão de pensamento.....	20
<b>Figura 8</b> - Balão de pensamento na HQ do homem de ferro.....	21
<b>Figura 9</b> - Legenda na HQ do homem de ferro.....	21
<b>Figura 10</b> - Crianças no tapete literário.....	32
<b>Figura 11</b> - História em quadrinho sem balões de fala.....	34
<b>Figura 12</b> - Mural com as histórias em quadrinhos.....	37

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2. PERCEPÇÕES DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS AO LONGO DA HISTÓRIA</b>	<b>13</b>
2.2 CONCEPÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	15
2.2.1 Linguagem visual	16
2.2.2 Linguagem verbal e não verbal	20
<b>3. AS HISTÓRIAS EM QUADRINHO NA EDUCAÇÃO</b>	<b>23</b>
3.1 PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA E O PAPEL DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHO	26
<b>4. METODOLOGIA</b>	<b>28</b>
<b>5. ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA</b>	<b>29</b>
5.1 A RELAÇÃO DA PROFESSORA COM AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	30
5.2 O PROCESSO DE UTILIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA SALA DE AULA	34
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>48</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Meu contato com os quadrinhos aconteceu em dois períodos diferentes: na época da alfabetização, quando essa ainda era uma etapa que dividia a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, onde adorava escrever e desenhar quadrinhos, mas que de acordo com o tempo, essa vontade foi sendo sufocada pela vida. Depois de um longo período, também marcando uma virada entre o Ensino Médio e o Futuro, no caso o mercado de trabalho, tive outro encontro com o gênero, dessa vez cuidei para que não fosse abafado e trato de regar esse amor até o ponto de fazer este trabalho. Entre minhas experiências como voluntária da Rede Municipal no programa Aprender Mais, cuja função era de reforço, anos depois, consegui degustar de maneira breve o poder dos quadrinhos com crianças no período de alfabetização. Mesmo sem conseguir ler, suas experiências e as imagens ajudaram numa leitura que muitas vezes era mais interessante do que os textos escritos nos balões. Foi assim, observando crianças e adolescentes abrirem aquelas páginas cheias de desenhos e fumacinhas que imitavam a fala que comecei a compreender o porquê de seguir esse caminho como docente e o porquê escolher a alfabetização.

Uma “receita” para ensinar crianças a ler e a escrever, mas que também as façam desejar por aprender parece o sonho de qualquer professor ou professora alfabetizadora. Além disso, que não seja só alfabetizar, mas fazer com que elas consigam compreender os usos da escrita e da leitura a fim de se tornar humanos críticos, questionadores, mas também artísticos e criativos. Felizmente não existe receita, pois o processo de alfabetização e letramento também se dá na forma como o professor(a) busca, pesquisa e planeja as experiências que possibilitam a aquisição da leitura e da escrita. O mais próximo que se pode alcançar de uma receita, é no dia a dia, nos diversos gêneros construídos, nas interações sociais, nas formas de se expressar, mas nas formas de debater, criticar e solicitar. Dentro dessa perspectiva de alfabetização e letramento com gêneros, as histórias em quadrinhos carecem de atenção especial, tendo em vista que se trata de um gênero que se populariza a partir do público infantil, mas que se estende para todas as idades.

De fato, as HQs se tornaram ainda mais populares nos últimos anos com os lançamentos de filmes que reúnem milhares de pessoas ao redor do mundo com suas bilheterias bilionárias, que também comportam jogos, brinquedos, colecionáveis, entre outros. Percebendo essa popularidade, professores(as) começaram a reconhecer esse gênero como uma ferramenta pedagógica, trazendo-as para sala de aula. Com as políticas públicas

educacionais, os quadrinhos estão inseridos no cotidiano da escola, seja por meio de livros didáticos ou nas bibliotecas escolares, esse gênero se faz presente em todos os níveis de escolarização. A diversidade de HQs como tiras cômicas, históricas, manuais, entre outras, possibilita que seu uso dentro da sala de aula se expanda em diferentes cenários e disciplinas. Além disso, a imagem e o texto, características que estruturam as histórias em quadrinhos, podem ser usadas para leitura, através da leitura por imagens, e na produção de pequenos textos com os balões que imitam a fala ou o pensamento, possibilitando seu uso dentro do ciclo de alfabetização onde as crianças não estão totalmente alfabetizadas.

Assim, partindo das diversas possibilidades que as histórias em quadrinhos podem trazer quando usadas dentro da escola, a questão que permeia essa pesquisa é: como as histórias em quadrinhos podem ser trabalhadas na sala de aula para a aprendizagem inicial da leitura e da escrita? Levantando, também, questões específicas que ajudaram a nortear esse trabalho serão quais os conhecimentos da professora em relação à linguagem das histórias em quadrinhos? Que abordagens se podem utilizar para a aquisição inicial da leitura e da escrita através das histórias em quadrinhos?

Para alcançar tais respostas, entrevistamos uma professora do 1 ano do Ensino Fundamental a fim de analisar suas percepções acerca do uso de histórias em quadrinhos para a aprendizagem inicial da leitura e da escrita, e de forma mais específica, apresentar o conhecimento da professora em relação às histórias em quadrinhos e descrever as abordagens para a utilização das histórias em quadrinhos na aprendizagem inicial da leitura e da escrita

Desta forma, este trabalho se estrutura, além desta introdução, em um segundo capítulo onde apresentamos aspectos históricos das HQs e sua concepção. No capítulo seguinte, desenvolvemos uma revisão de literatura sobre as histórias em quadrinhos na educação, bem como o seu papel na aquisição da leitura e da escrita. No quarto capítulo apresentamos as abordagens metodológicas para alcançar o objetivo da pesquisa, o quinto traz uma análise da entrevista da professora e por fim, trazemos as considerações finais e as referências.

## 2. PERCEPÇÕES DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS AO LONGO DA HISTÓRIA

A relação das imagens contando uma história acontece desde a pré-história com pinturas rupestres. Os desenhos de animais e homens prestes a atacá-los estão aí para mostrar que a humanidade sempre conseguiu representar de forma icônica acontecimentos de suas vidas ou até inventadas. Mesmo que essas pinturas não se enquadrem nas histórias em quadrinhos, já pode afirmar-se a necessidade de *representar* uma história através de imagens.

A popularização das histórias em quadrinhos se intensifica na década de 1930 nos Estados Unidos da América (EUA), que logo se torna fonte de discussão acerca do seu papel na vida de crianças e adolescentes. Histórias que retratavam homens de lycra e capa dando socos e pontapés em homens maus, as histórias em quadrinhos eram vistas como recreação, utilizadas como ocupação do “tempo livre”. O interesse pelos quadrinhos não se limitou apenas para crianças e adolescentes, se estendendo para uma camada da sociedade que começou a olhar aquelas histórias fantasiosas de outra forma. A sociedade se pôs a discutir possíveis problemáticas que as histórias em quadrinho poderiam causar, como seu forte apelo econômico, ainda mais se tratando de uma mídia voltada para crianças e adolescentes. Porém, essas discussões estavam carregadas de conservadorismo, exemplo disso é o livro ‘*Seduction of the Innocent*’ do psiquiatra Fredric Wertham que alertava sobre os “perigos” das histórias em quadrinhos, assim, intensificando uma onda de preconceito em torno dos quadrinhos.

Vergueiro (2014, p.12) exemplifica:

(..) O livro defendia, por exemplo, que a leitura das histórias do Batman poderia levar os leitores ao homossexualismo, na medida em que esse herói e seu companheiro Robin representavam o sonho de dois homossexuais vivendo juntos. Ou que o contato prolongado com as histórias do Superman poderia levar uma criança a se atirar pela janela de seu apartamento, buscando imitar o herói.

O conservadorismo exacerbado em relação às histórias em quadrinhos, culminou na criação de um “código de conduta”, chamada de *Comics Code*, criada por escritores e artistas, em um ato de autocensura, para “garantir a pais e educadores que o conteúdo das revistas não iria prejudicar o desenvolvimento moral e intelectual de seus filhos e alunos.” (Vergueiro, 2014, p.13) De fato, o *Comics Code* acentuou a percepção sobre as histórias em quadrinhos e a manteve por um longo tempo, numa posição de “leitura não seria”. Uma das principais consequências do código foi a mudança de teor das HQ’s, ou seja, não havia mais espaço para

histórias criativas, deixando apenas histórias mediócras no mercado, o que de certa forma só confirmava o que os avessos das HQ's defendiam: a “pobreza mental” desse gênero.

Apesar de ser considerada um meio de comunicação de grande apelo entre crianças e adolescentes, a sociedade só começa a enxergar as HQs de maneira menos preconceituosa quando esta passa a ser vista com interesse por parte da comunidade científica e acadêmica, que logo percebe seu potencial pedagógico. Utilizadas sob pretextos educacionais que iam de manuais de guerra até manuais de “bons costumes”, além de serem aportes para informações como biografias de pessoas ilustres e obras literárias, ainda não se buscava um melhor aprofundamento sobre as possibilidades que as histórias em quadrinhos poderiam trazer para o ambiente escolar. O preconceito ainda era presente mesmo com o uso das histórias em quadrinhos nas mais diversas formas de organizações. Era como se as HQ's fossem boas apenas para cumprir seu papel utilitarista e a crítica de forma didática, mas que ao se transportar para a educação escolar, voltavam à posição de subalternidade.

A inclusão das histórias em quadrinhos acontece aos poucos nos livros didáticos, como Vergueiro (2014, p.20) afirma:

Inicialmente, elas eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram explicados por um texto escrito. Nesse momento, as HQs apareciam nos livros didáticos em quantidade bastante restrita, pois ainda temia-se que sua inclusão pudesse ser objeto de resistência ao uso do material por parte das escolas.

Aos poucos a presença das histórias em quadrinhos em livros didáticos se intensifica, atualmente podemos verificar as HQs, bem como charges e tiras em livros didáticos de diversas disciplinas. No caso do Brasil, elas foram inseridas em documentos oficiais que orientam a educação no país, como é o caso dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), além de programas de distribuição de livros como o Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) e o Programa Nacional Biblioteca Escolar (PNBE).

Essa tomada de consciência por parte da sociedade brasileira em relação aos quadrinhos, nem sempre foi assim. Por aqui, assim como nos EUA, as histórias em quadrinhos sofreram ataques da parte mais conservadora da sociedade. O mesmo órgão que orientava a educação do país, o Ministério da Educação e Saúde, em 1944 com o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos lançou um documento que reiterou os prejuízos que essas histórias traziam para crianças e adolescentes, como afirma Júnior (2004, p.114) “Além das teses da dominação cultural e do estímulo à violência promovido pelos quadrinhos, o INEP

trouxe uma preocupação a mais aos pais: segundo aquela pesquisa, quem lia quadrinhos ficava com preguiça mental e avesso a livros.” Seguindo os mesmos caminhos do *Comics Code*, foram criados diversos códigos de ética entre eles o código de ética da Associação Brasileira de Educação (ABE) em 1948, e posteriormente o Código de Ética Brasileiro, com o intuito de “proteger” crianças e adolescentes dos malefícios gráficos e psicológicos que as elas poderiam trazer.

Mas, afinal, o que são histórias em quadrinhos? Tomando como base o que foi exposto, iremos abordar a concepção das histórias em quadrinhos, bem como conceitos e suas características.

## 2.2 CONCEPÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

De acordo com McCloud (1995) os quadrinhos podem ser conceituados como uma arte cuja união de imagens e texto, justaposta e de forma sequenciada, tem como finalidade narrar uma história, transmitir informações ou ideias. Assim como o cinema, o teatro, a música e outros meios de comunicação, as histórias em quadrinhos apresentam uma linguagem própria, como reitera Ramos (2012, p.17) “Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos.” Essa linguagem autônoma, é o que difere as histórias em quadrinhos de pinturas rupestres ou pinturas nos tetos de igrejas.

Cagnin (1975, p. 25) apresenta a estrutura dos quadrinhos como “um sistema narrativo formado por dois códigos de signos gráficos: a imagem, obtida pelo desenho; e a linguagem escrita.” No entanto, ainda dentro desses dois elementos, imagens e texto, há outros aspectos que fazem parte da linguagem dos quadrinhos, como balões, onomatopeias, estilos de desenhos, diferentes enquadramentos, formatos de letras etc.

Foram necessários anos de pesquisas a respeito das histórias em quadrinhos para que essas pudessem mudar de status dentro da academia e principalmente na sociedade. As HQs vistas como leitura subalterna, apenas como entretenimento e vazia de conteúdo foi dando lugar a obras que passaram a ser reconhecidas como obras artísticas tanto pelo texto, roteiros elaborados com “conteúdo” sério, inovador e disruptivo, como também ilustrações deslumbrantes, criativas, que chamaram atenção de estudiosos de outras áreas, começando a perceber uma nova maneira de se fazer histórias em quadrinhos.

O aparecimento e ascensão das *graphic novels* ou novelas gráficas, histórias em quadrinhos não seriadas, de volume único, não só mudaram a forma de se fazer histórias em quadrinhos, mas a visão da sociedade perante a esse formato. Publicações como *Um Contrato com Deus* de Will Eisner lançada em 1978 e *Maus* de Art Spiegelman lançada em 1986, foram algumas das obras que transformaram as HQs, trazendo uma perspectiva mais adulta, séria e crítica, afastando-se das concepções de seus primórdios de tiras de humor ou revistas de super-heróis. As *graphic novels* foram a concretização, para os outros, de que sim, dava para fazer história em quadrinho séria, exemplo disso foi a aparição de HQs em premiações de literatura e jornais. Carvalho (2017) em sua tese de mestrado confirma que:

Por designarem, então, apenas as obras em quadrinhos que são destinadas ao público adulto, e não mais ao infantil; por apresentarem qualidade editorial superior, e não mais impressas em papel barato; por serem editadas em formato de livro, e não de revista; e por serem vendidas nas livrarias e lojas especializadas, e não mais nas bancas de jornal, as *graphic novels* passaram a ser vistas pelo público em geral como a antítese de tudo o que era considerado ruim nas histórias em quadrinhos, transformando-se assim no suporte privilegiado no entendimento dos quadrinhos como um produto cultural valorizado, e não apenas como entretenimento de massa. (Carvalho, 2017, p. 115)

A partir dessa confirmação de que as *graphic novels* sim mereciam papel de destaque por serem grandes obras, elas foram colocadas como literatura. Porém é importante compreender que histórias em quadrinhos são uma união de imagem e texto, onde esses dois elementos se inter-relacionam para que a leitura possa ser feita e compreendida. Assim, por ter texto, sendo nos balões, legendas ou onomatopeias, não quer dizer que seja livro, como também por ter imagens, se trata de artes plásticas. Histórias em quadrinhos são histórias em quadrinho. Possuem estruturas que pegam emprestadas de outras artes como o cinema, porém possuindo elementos próprios que só serão usados nas HQs.

A partir do que foi exposto nessa seção, iremos nos aprofundar mais nos elementos que estruturam as histórias em quadrinhos, primeiro com a linguagem visual e posteriormente com a linguagem verbal e não verbal.

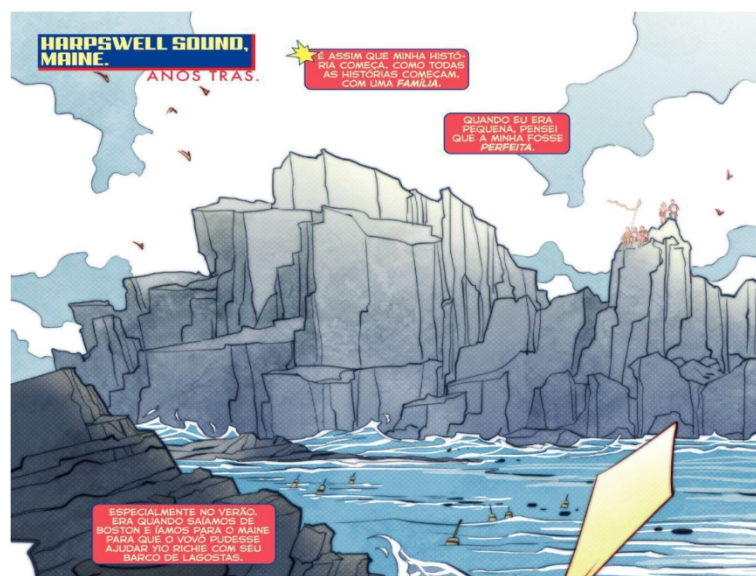
### **2.2.1 Linguagem visual**

A imagem constitui a linguagem visual das histórias em quadrinhos podendo ser através do desenho manual ou digital. Podemos dizer que a imagem, seja desenho, fotografia, colagem, entre outros, tem uma função de ícone dentro das histórias em quadrinhos, ou seja,



seu papel é de representar de forma semelhante ou quase semelhante à realidade. É através da imagem, de forma sequenciada, que a narrativa vai ser construída (Vergueiro, 2012). Dentro da linguagem visual das HQs existem elementos que ajudam a compor a mensagem que o autor quer passar. A história vai ser constituída a partir do quadro ou vinheta, espaço no qual o autor vai eternizar uma ação ou acontecimento para dar sentido a sua narrativa, dentro dos quadros ou vinhetas, existem elementos que, segundo Vergueiro (2012), foram emprestados do cinema como os enquadramentos, ângulos e montagem. É dentro desse espaço que a construção da narrativa das histórias em quadrinhos se faz. Além disso, Ramos (2012) afirma que “agrupam-se cenários, personagens, fragmentos do espaço e do tempo. Tudo é encapsulado dentro de um conjunto de linhas, formando um retângulo, quadrado, espera ou outro formato.”

Figura 1 - Exemplo de enquadramento em plano geral



(A vida de capitã marvel de Stohl, 2018)

- 1) Exemplo de plano geral, utilizado para que os leitores tenham uma visão mais ampla do local onde a história se passa.

Figura 2 - Exemplo de enquadramento em primeiro plano



(The wicked + the divine de Gillen e Mckelvie, 2014)

- 2) Exemplo de primeiro plano, utilizado para dar destaque às expressões das personagens.

Figura 3 - Exemplo de ângulo



(The legend of Wonder Woman de De Liz, 2015)

- 3) Exemplo de ângulo de visão inferior, conhecido no cinema como *contre-plongé*, utilizado para exaltar e engrandecer uma personagem.

Cada elemento presente nos quadrinhos faz parte da narrativa, no caso das bordas, o “espaço em branco” do quadrinho pode ser utilizado para transmitir uma ideia ou para obter uma resposta do leitor.

Figura 4 - Exemplo de utilização da borda.



(Nancy de Olivia James, 2019)

- 1) Exemplo de utilização da borda para acrescer na narrativa.

Figura 5 - Exemplo de utilização das bordas



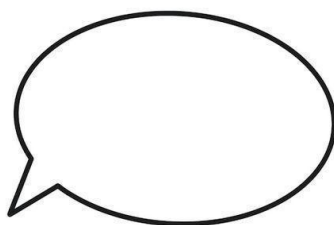
(Jovens vingadores de Gillen e Mckelvie, 2013)

O personagem é o fio condutor da narrativa, é através dele que somos conduzidos pela história, assim, nas HQs, os personagens são elementos de importante responsabilidade. Expressões faciais e corporais, cores, símbolos, roupas, o que faz parte do personagem é desenhado ali para dar uma informação, para passar uma mensagem, nada é colocado sem intenção. Assim, a leitura das histórias passa por elementos visuais que são essenciais para compreendê-la.

## 2.2.2 Linguagem verbal e não verbal

A linguagem verbal das histórias em quadrinhos é representada pelo texto, onde são caracterizadas pelo balão, legenda e onomatopeias. O balão pode ser resumido como a união dos dois aspectos que constituem as HQs: a imagem, o desenho do balão, o signo que exprime a fala; e o texto, o conteúdo dentro do balão. É através dos balões que o personagem vai se expressar, sendo por meio da fala ou do pensamento. Existem variados tipos de balões, seu formato ou características dependem muito da criatividade do artista, mesmo que existam balões ditos “comuns”.

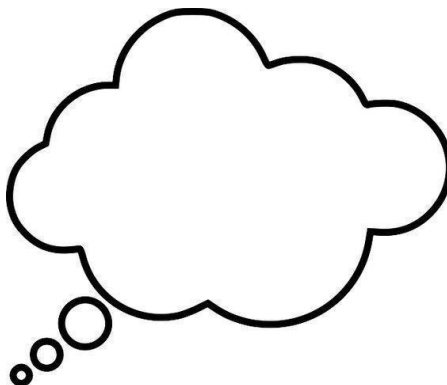
Figura 6 - Balão de fala



Fonte: [https://br.freepik.com/vetores-premium/balao-de-fala\\_28707029.htm](https://br.freepik.com/vetores-premium/balao-de-fala_28707029.htm)

- 1) Balão de fala se configura como um dos balões mais comuns, é utilizado para fala de personagem em tom neutro.

Figura 7 - Balão de pensamento



Fonte: <https://pixabay.com/pt/vectors/bolha-do-discurso-pensado-nuvem-150981/>

- 1) Indica pensamento

Além dos balões, outra forma de comunicar por escrito o que o personagem está pensando ou como ferramenta para a narração da história, são as legendas. As legendas são formas retangulares que costumam ficar na parte superior do quadrinho, às vezes servem como a voz do narrador ou até mesmo do personagem. Em histórias mais atuais, por exemplo, o balão de pensamento foi trocado pela legenda.

Figura 8 - Balão de pensamento na HQ do homem de ferro



(Homem de ferro: o demônio da garrafa de David Michelinie e John Romita Jr, originalmente lançado em 1979)

Figura 9 - Legenda em Homem de Ferro



(O invencível homem de ferro #301 de Len Kaminski e Kevin Hopgood lançada em 1994)

1) Vemos que os pensamentos do personagem saíram do balão, migrando para a legenda.

Dentro dos quadrinhos, as onomatopeias são as formas de representar o som ou ruído, por escrito. É entendida como uma das principais características da HQs por ser a junção da imagem e do texto. É a forma visual de dar som à narrativa. É comum as onomatopeias serem escritas e representadas em sua língua nativa, isso acontece com algumas expressões próprias da língua inglesa que foram adotadas no Brasil, como “crash”, “splash”, “click”. Porém alguns autores já começaram a aporuguesar as onomatopeias em suas produções.

Após compreender um pouco do processo histórico das histórias em quadrinhos, bem como sua estrutura, iremos adentrar nas discussões a respeito do seu uso na educação.

### 3. AS HISTÓRIAS EM QUADRINHO NA EDUCAÇÃO

Historicamente as histórias em quadrinhos nunca foram encaradas como ferramenta pedagógica por parte de educadores. Foi necessário bastante persistência por parte de estudiosos que viram o potencial das HQs na educação, principalmente escolar. É interessante observar que os quadrinhos na educação, principalmente no Brasil, começaram a ganhar destaque quando foram incluídas em documentos oficiais que orientavam a educação brasileira.

As histórias em quadrinhos e suas variantes vão aparecer nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Artes e Língua Portuguesa no fim da década de 1990, constatando a perspectiva das HQs como produção artística e como gênero discursivo, Bakhtin (2016) afirma que são “tipos relativamente estáveis de enunciados” elaborados em espaços de comunicação e interação da língua. Ou seja, a qualquer momento ou lugar estamos nos comunicando através de gêneros, que podem ser divididos em gêneros primários e secundários. Os gêneros primários são formas mais simples de interação, imediata e espontânea: uma conversa, troca de mensagens, cartas pessoais, bilhetes, entre outros. Já os gêneros secundários se caracterizam como formas mais complexas, sistematizadas e desenvolvidas de comunicação: romances, pesquisas científicas, discursos políticos, ideológicos, entre outros. As HQs podem ser classificadas como gêneros secundários pois surgem como manifestação social no meio de práticas sociais, culturalmente produzidas, assim para sua leitura é necessário saberes prévios de sua sistematização (Costa, 2009).

Dessa forma, as HQs aparecerão nos livros de Língua Portuguesa como “Gêneros adequados para o trabalho com a linguagem escrita” (Brasil, 1997). Sendo assim, o documento evidencia as potencialidades da leitura e a produção de histórias em quadrinhos.

Todavia, a incorporação das histórias em quadrinhos dentro da sala de aula acontece com os livros didáticos, a partir do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), programa esse responsável pela distribuição de livros didáticos para escolas públicas de todo Brasil. Além disso, é importante salientar que a escolha dos livros didáticos se realiza democraticamente entre a escola e os professores.

Outro programa que impulsionou as histórias em quadrinhos dentro da escola foi o PNBE, criado em 2007 pelo governo federal, cujo objetivo era de “promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de



obras de literatura, de pesquisa e de referência. (Brasil, 1997)”. Em sua primeira seleção de livros, realizada em 2006, dos 225 títulos selecionados, 14 foram as histórias em quadrinhos como afirma Vergueiro (2009), assim mostrando a inserção das histórias dentro da realidade escolar.

A utilização das HQs na sala de aula não se reduz somente ao livro didático, pois é comum professores trazerem revistas, tiras de jornais, coleções de quadrinhos, entre outros como ferramenta do trabalho pedagógico. Vergueiro (2012) lista o porquê de as histórias em quadrinhos serem utilizadas dentro das salas de aula:

- Os estudantes querem ler os quadrinhos;
- Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente;
- Existe um alto nível de informação nos quadrinhos;
- As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos;
- Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura;
- Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes;
- O caráter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar;
- Os quadrinhos têm um caráter globalizador;
- Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema

O autor esclarece, então, as possibilidades que o uso das histórias em quadrinhos pode alcançar ao serem inseridas na prática pedagógica. Todavia, as HQs precisam ser usadas com cuidado e principalmente com intencionalidade, pois o professor, ao planejar suas aulas com auxílio dos quadrinhos, precisa saber exatamente o objetivo de utilizar tal ferramenta. Para Vergueiro (2012) o professor só conseguirá alcançar seus objetivos a partir de sua capacidade criativa e intencionalidade, o autor continua:

Eles tanto podem ser utilizados para introduzir um tema que será depois desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar uma discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma ideia, como uma forma lúdica para tratamento de um tema árido ou como contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação. (Vergueiro, 2012, p.26)

O planejamento tem uma função bastante importante ao se utilizar as histórias em quadrinhos. Ao planejar, os professores irão escolher com cuidado os materiais que levarão, com base no seu conhecimento da turma, seus saberes e experiências; conhecimento do currículo para que o uso das HQs nas aulas seja feita de maneira produtiva e contínua, mas sem interferir no ensino de outras linguagens e/ou gêneros. A organização das atividades culmina no maior aprendizado por parte dos estudantes, além da experiência de conhecer esse mundo. A falta de organização, sem o planejamento, os professores podem cair na falsa narrativa que durante anos se estendeu ao mundo dos quadrinhos, que seria utilizada apenas para uma leitura de relaxamento, sem intenção, vazia. (Vergueiro, 2012).

Ainda segundo o autor:

[...] é muito importante que o professor tenha suficiente familiaridade com o meio, conhecendo os principais elementos a sua linguagem e os recursos que ela dispõe para representação do imaginário; domine razoavelmente o processo de evolução histórica dos quadrinhos, seus principais representantes e características como meio de comunicação de massa; esteja a par das especificidades do processo de produção e distribuição de quadrinhos; e, enfim, conheça os diversos produtos em que eles estão disponíveis. (Vergueiro, 2012, p.29)

Ou seja, para a utilização eficaz das HQs dentro da sala de aula, o educador ou educadora, necessita de conhecimento de aspectos dos quadrinhos que possam dar segurança ao utilizá-la. As potencialidades dessas histórias também passam pelo conhecimento que o professor ou professora possui, já que é a partir desse conhecimento que ele irá elaborar atividades ou experiências que instiguem a aprendizagem, o pensamento crítico e estético, além de introduzir conteúdos ligados a várias disciplinas.

O uso das histórias em quadrinhos na sala de aula perpassa por uma série de fatores que vão desde sua relação com as crianças, bem como a intencionalidade do professor que leva esse gênero à sala de aula. Assim, seu uso nos processos de aprendizagem inicial da leitura e da escrita, exige um bom planejamento por parte da professora, para que de fato, a aprendizagem seja efetiva.

### 3.1 PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA E O PAPEL DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHO

A aquisição da leitura e da escrita se constitui como uma importante etapa na inserção do ser humano na sociedade. É a partir da apropriação desses mecanismos que o indivíduo irá se relacionar, se expressar, criticar, intervir, entre outras ações que envolvem participar

ativamente da sociedade. Esse processo se inicia desde muito cedo, as crianças, ainda bebês, interagem com seus familiares e pares, tem acesso a textos, imagens, representações, ou seja, já inicia ali o seu repertório de conhecimento acerca da leitura e da escrita. Esse mesmo contexto sociocultural que desenvolve a fala, também insere as crianças à linguagem escrita, Soares (2020, p. 51) afirma que “[...] a criança, antes mesmo de entrar na escola, vai progressivamente se aproximando do conceito de escrita, percebendo que escrever é transformar a fala em marcas sobre diferentes suportes, e que ler é converter essas marcas em fala.”. Ainda para a autora, a criança terá acesso a essa ferramenta sistematizada e organizada quando adentra o ambiente escolar. Ao entrar na escola, a criança não só aprenderá ler e escrever, mas também precisa saber o que irá fazer com a leitura e a escrita.

Aprender a ler e a escrever são processos complexos que necessitam do conhecimento e da relação da criança em seu ambiente sociocultural, bem como a mediação dos educadores e suas estratégias no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Por ser um procedimento de bastante complexidade, por muito tempo se procurou um método universal de alfabetização que tornaria esse processo efetivo e pronto. No Brasil, métodos cujo foco era na repetição e memorização foram difundidos em escolas, o que contribuiu para uma percepção pobre acerca da leitura e da escrita, como afirma Coutinho (2005, p.48): “A escrita era concebida como uma transcrição gráfica da linguagem oral (codificação), e a leitura, como uma associação de respostas sonoras a estímulos gráficos, uma transformação do escrito em som (decodificação)”. A revolução que Emília Ferreiro e Ana Teberosky causaram com a *psicogênese da língua escrita* modificaram a percepção de professores e estudiosos a respeito do processo de reflexão da criança em torno da língua escrita. Para Soares (2020, p.57) a psicogênese da escrita é “um modelo explicativo da gênese (*da origem*) dos processos cognitivos (*psíquicos*) que conduzem a criança, ao longo de seu desenvolvimento, à progressiva construção do conceito de escrita como um sistema de representação dos sons da língua por letras.”, ou seja, a criança, adolescente ou adulto que não sabe ler ou escrever, baseado em seus conhecimentos prévios e inserção em uma cultura grafocêntrica, possui uma noção de como se dar a escrita.

O processo de alfabetização recebeu novos segmentos diante as pesquisas feitas acerca da língua escrita, o seu conceito passou a ser vinculado ao conceito de letramento. É importante perceber que mesmo se inter-relacionando, os dois - alfabetização e letramento

não são sinônimos. Para Soares (2010, p.47) a alfabetização se caracteriza como “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever”, isto é, apropriação por parte da criança ou adulto da escrita alfabética e da leitura. Já o conceito de letramento, segundo a mesma autora, é o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. Após a aquisição da escrita e da leitura, a criança ou o adulto utilizará essa aprendizagem para participar ativamente do meio em que vive. Sendo assim, é importante que esses dois processos sejam realizados simultaneamente, onde por meio de práticas de leitura e de escrita, a criança ou adulto aprenda e tenha domínio da escrita alfabética.

As práticas de leitura e escrita em contexto escolar podem ser construídas a partir dos gêneros textuais, pois segundo Marcuschi (2007) os gêneros textuais se configuram como “fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia”, ou seja, interagimos com o meio através dos gêneros, que vão desde uma conversa cotidiana, uma troca de mensagens, lista de compras, faturas de cartão, entre outros gêneros.

As histórias em quadrinhos se apresentam como um gênero para se trabalhar nesse processo de alfabetização por ter um caráter acessível, podendo ser achadas em sebos, bancas de jornais, livrarias e até mesmo na internet com as *webcomics*, essa acessibilidade garante ao gênero um papel de destaque como recurso pedagógico. Outro fator é o forte apelo que as HQs têm com as crianças, o desenho - uma das principais características desse gênero - a princípio se sobressai, chamando a atenção da criança. É essa imagem que pode auxiliar na leitura da história por uma criança ou adulto em processo de alfabetização, além de contribuir em outros aspectos, como imaginação, criatividade, pensamento crítico, entre outros. Dentro das histórias, as crianças também terão contato com o texto escrito, além das onomatopéias que auxiliam na leitura dando a compreensão do que está acontecendo através daquele som/imagem. Os balões também podem ser usados para a compreensão da criança de que os sons da fala podem ser escritos.

É importante acrescentar que o uso desse material dentro das salas necessita de intencionalidade, além de planejamento por parte dos professores. As HQs como todo material de comunicação não são perfeitas, assim a seleção e pesquisa cuidadosa do material torna a experiência ainda mais enriquecedora.

#### 4. METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos ao início deste trabalho, foram utilizadas estratégias metodológicas para buscar analisar as percepções de uma professora do 1 ano do Ensino Fundamental acerca do uso das histórias em quadrinhos para a aquisição da leitura e da escrita. Assim, a pesquisa tem caráter qualitativo, pois segundo Minayo (1994, 74) a pesquisa qualitativa se atenta ao “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo de relações, dos processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”, ou seja, a pesquisa qualitativa explora as aprendizagens, experiências e vivências que não podem ser quantificadas, casando-se com os objetivos do trabalho. Ainda neste trabalho, foi possível analisar as principais pesquisas já realizadas a respeito das histórias em quadrinhos como aspectos históricos e sua linguagem, caracterizando, assim, como uma pesquisa bibliográfica segundo Lakatos e Marconi (2003).

O método de coleta de dados utilizados foram uma entrevista com uma professora do 1 ano do Ensino Fundamental da Rede pública de Fortaleza - CE, pois esta técnica se caracteriza como “uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada” (Minayo, 1994, p. 47). Assim, optamos por uma entrevista semiestruturada que nos possibilitou uma conversa de forma espontânea e dinâmica com a professora. A entrevista foi realizada pela plataforma *Google Meet*.

Optamos pela escolha de uma entrevista semi estruturada pois para Minayo (1994, p. 58) esse tipo de entrevista mistura aspectos da entrevista estruturada e não estruturada, assim, trabalhamos com algumas perguntas previamente formuladas, mas que a partir da fala da professora, foram surgindo outras perguntas. A entrevista semi estruturada possibilita uma abordagem mais livre do tema, embora delimite o assunto cuidando para não fugir do assunto.

Os critérios de escolha da professora foram a partir da indicação da orientadora por conhecer a professora que estava fazendo um trabalho com as histórias em quadrinhos.

Primeiro, fizemos uma breve apresentação da pesquisa para a professora e iniciamos com perguntas previamente criadas, mas tratando-se de uma entrevista semiestruturada, outras perguntas surgiram a partir da fala da professora. A entrevista foi gravada para que se

pudesse fazer a transcrição para a análise, sendo armazenada na plataforma *Google Drive*. Posteriormente, com a entrevista transcrita iniciamos a análise da entrevista a fim de alcançar os objetivos da pesquisa. Para a análise qualitativa, fizemos a transcrição da entrevista.

## 5. ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA

Todos os dados da pesquisa foram coletados a partir de uma entrevista semiestruturada com a professora, através da plataforma *Google Meet*. As perguntas seguiram dois eixos principais:

- Perguntas sobre a relação da professora com as histórias em quadrinhos;
- Perguntas sobre o processo da utilização das histórias em quadrinhos na sala de aula e suas percepções;

A princípio foi solicitado para que a professora se apresentasse, onde ela nos informou que é graduada em Pedagogia e Especialista em Alfabetização de crianças e multiletramentos. É professora da Rede Municipal de Fortaleza-CE desde o ano de 2023, onde atua no 1 ano, manhã e tarde. Entre as experiências da professora, ela conta que trabalhou em duas escolas da rede privada, na Educação Infantil no agrupamento de infantil V. Porém o que a impulsionou para escolher o 1 ano do Ensino Fundamental foi ter participado do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), onde atuou em escolas da rede pública, onde teve contato com o processo de alfabetização e letramento.

Iniciando o primeiro eixo da entrevista, foi perguntado à professora sobre a sua história com as HQs, como iniciou o contato com o gênero, que quadrinhos a professora costuma ler. Aqui também foram feitas perguntas sobre suas experiências com HQs dentro da graduação, bem como sua familiaridade com aportes teóricos a respeito do tema.

O segundo eixo tem a ver a utilização das histórias em quadrinhos na sala de aula, as abordagens e os processos para a realização das atividades, além das suas percepções a respeito da vivência.

### 5.1 A RELAÇÃO DA PROFESSORA COM AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

“Quando eu era criança eu não tinha acesso a livros com tanta facilidade, nem história em quadrinho, por questões financeiras e tudo. E aí quando eu comecei a trabalhar, eu comecei a visitar uma biblioteca. A biblioteca do BNB, que tinha ali no centro, e aí lá tinha muita história em quadrinho, e aí

eu aproveitava o horário do almoço, do trabalho [...]. As histórias em quadrinhos que eu li geralmente eram da turma da Mônica [...] quando eu comecei a trabalhar em uma das escolas da rede privada, as crianças, elas levavam muitas histórias em quadrinhos para a escola, e aí a gente acabava que lia bastante com elas, e nos horários de intervalo que podia estar na biblioteca da escola também [...].” (Professora)

A partir da fala da professora, compreendemos que as histórias em quadrinhos dentro do contexto que se popularizou - os Estados Unidos - se tornaram um meio de comunicação popular, econômico e acessível. Já no Brasil, esses quadrinhos eram trazidos para serem publicados em jornais e revistas que a camada mais popular brasileira não tinha acesso. Ainda hoje, o mercado dos quadrinhos no Brasil sofre com edições ditas de luxo cujo preço é exorbitante. Entretanto, podemos inferir que o acesso às HQs, principalmente na escola, tende a ser mais acessível, como referido nesta pesquisa, com as políticas públicas educacionais como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

“Quando eu comecei a trabalhar como professora foi uma das primeiras coisas que eu pensei, né, de como eu não tinha tido acesso a história em quadrinho na escola pública quando eu era estudante, eu achava que eu deveria propor, proporcionar aos meus alunos a história em quadrinho na minha sala de aula. A princípio, eu comecei a perceber que histórias em quadrinhos eram muito caras, e aí eu entendi o porquê que não se tem na escola pública, geralmente, história em quadrinho, porque é um gênero literário que, infelizmente, ainda não está acessível para as classes populares. Por exemplo, eu comprei cinco histórias em quadrinhos e foi R\$65,00 [...]” (Professora)

Podemos observar que mesmo sem o conhecimento de políticas como o PNBE, que posteriormente foi integrado ao Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD), a professora demonstrou comprometimento em possibilitar às crianças o acesso às histórias em quadrinhos dentro da escola. De fato, as HQs estrangeiras tendem a ser mais caras quando são publicadas no Brasil, porém alternativas de acesso a quadrinhos podem mostrar-se presentes dentro da sala de aula, como as *webcomics*, quadrinhos lançados diretamente na internet, por meio de *sites* especializados ou nas próprias redes sociais. Além disso, hoje já existem programas que possibilitam a criação de histórias em quadrinhos como o site *Storybord That*.

Para Vergueiro (2012) é necessária uma “alfabetização” da linguagem dos quadrinhos por parte dos estudantes e também dos professores para que a aprendizagem de qualidade seja

alcançada, tendo em vista que o professor precisa ter domínio da linguagem para uma boa utilização do material. Assim, foi perguntado à professora sobre seu contato com livros teóricos ou artigos sobre histórias em quadrinhos:

“Eu não fiz essa leitura de artigos mais aprofundados sobre histórias em quadrinhos. Dentro da minha formação como especialista em multiletramentos, a gente trabalhava diversas perspectivas da alfabetização de crianças [...] eu trazia a literatura infantil, desenho, a dança, enfim tudo que era uma linguagem a mais da criança para esse processo de alfabetização e aí eu acho que a história em quadrinhos veio também nessa perspectiva.” (Professora)

O conceito de multiletramentos surgiu com um grupo de professores conhecidos como Grupo Nova Londres (GNL). Para o GNL (1996) “a multiplicidade de canais de comunicação e a crescente diversidade cultural e linguística no mundo de hoje exigem uma visão muito mais ampla de letramento do que a retratada pelas abordagens tradicionais centradas na língua”. Ou seja, a complexidade da sociedade, as novas tecnologias e a globalização, implicam nas práticas de alfabetização e letramento. Dentro dessa perspectiva, outras linguagens, cuja professora exemplifica, no caso dos quadrinhos, o desenho, são levadas à sala de aula como forma de linguagem. A professora enxerga o desenho como importante para aprendizagem da criança, sendo recurso, mas também objeto de aprendizagem.

“Eu acredito que o desenho é importante porque ele é sim uma linguagem, porque através do desenho a criança consegue muitas vezes falar o que ela não consegue falar oralmente. Ela consegue me dizer coisas que não vai conseguir porque existe ali, talvez, um trauma que não vai deixar, não vai permitir que isso aconteça. A partir do desenho ela vai conseguir. E até porque se uma criança já consegue organizar um desenho, ela também consegue organizar uma fala, ela também consegue organizar um pensamento [...].” (Professora)

A professora explicou que a discussão a respeito da linguagem do desenho surgiu com uma prática de alfabetização e letramento de confecção de cartinhas de cada estudante. As cartinhas foram produzidas por eles, com nome e foto, porém alguns também desenharam. Deste modo, com as indagações das crianças a professora começou uma conversa sobre desenho.

“[...] Conversamos sobre a percepção do desenho, de que às vezes o desenho não vai estar bonito, às vezes o desenho não vai ser tão chamativo, mas o que eu posso fazer se eu quero um desenho muito bonito? O que eu



posso fazer para ter um desenho bonito para mim e não para o outro? Então começamos a trabalhar essa questão também. Quando entramos nas histórias em quadrinhos é muito disso, porque eles já haviam construído essa linguagem do desenho desde o começo do ano. Não foi só ‘hoje nós vamos desenhar porque é aula de arte a gente vai ter que desenhar’. Foi algo que a gente já havia construído desde o começo do ano, essa organização do desenho. Como que eu desenho uma pessoa? Como que eu desenho um animal? Quais são os detalhes que eu tenho que ter? E a gente trabalha muito com desenho de observação, com releitura.” (Professora)

Ainda sobre a perspectiva de formação da professora, perguntamos sobre a proximidade das histórias em quadrinhos durante a graduação dentro da universidade. Como referimos nesta pesquisa, por muito tempo existiu um estigma em relação as HQs perante a sociedade e que só começou a mudar quando este assunto foi levado a espaços acadêmicos, como as universidades. Apesar disso, podemos perceber com a fala da docente que essa realidade ainda é imperceptível em alguns cursos de graduação.

“Acho que até no Ensino de Língua Portuguesa, que é o momento que a gente vai ver o que propor para as crianças nesse processo. Não vemos pessoas trabalhando esse gênero. [...] Eu fiz outra disciplina que era sobre o ciclo de alfabetização, mas que também não se trabalha o gênero das histórias em quadrinhos. Trabalhamos com a parlenda, com o conto, com a ciranda, mas nunca se vê as histórias em quadrinhos sendo abordadas dentro do ambiente acadêmico. Talvez por verem ainda como algo pejorativo, como ‘você lê história em quadrinhos porque você não tem nada pra fazer’.” (Professora)

A professora levanta questões relevantes acerca das vivências dentro da graduação, enfatizando a importância de experienciar eventos ou acontecimentos, a fim de poder apresentar essas vivências dentro da sala de aula, ao se tornar professor. A docente cita que não tinha costume de visitar museus, mas que durante a graduação isso foi possível mediante uma disciplina. Assim, é importante que tanto a graduação como a formação continuada permitam o contato com as histórias em quadrinhos para que a sua utilização em sala de aula seja a mais proveitosa possível.

“[...] Nós enquanto professores não conseguimos propor e tornar-se de fácil acesso para as crianças porque a gente também não teve e não vivenciou. Eu acho que foi uma das coisas que eu comecei a perceber já do meio para o fim da graduação de que, poxa vida, que pedagoga eu vou ser se eu não ocupo os espaços que eu poderia ocupar? [...] como

estudante-trabalhador, a gente não tem esse tempo para estar, por exemplo, ocupando os museus. E que dentro dessas disciplinas tenha essa oportunidade de a gente vivenciar isso. Eu acho que é uma forma de trabalhar a nossa estética e aí a gente começa a perceber a importância de diversos gêneros que estão aí e que às vezes a gente não vê uma funcionalidade dentro do processo.” (Professora)

Dentro da perspectiva da professora, foi possível observar que sua história com as HQs vem do não acesso quando criança, seja por questões econômicas ou a falta do material na escola, e como professora, seu papel também é proporcionar uma ponte entre as crianças e esse gênero.

“[...] O que você não teve e que você acha que vai ser muito importante para o desenvolvimento da criança, você pode possibilitar. [...] Eles sempre pedem para ler as histórias em quadrinhos e eu acho que eu também me espelhei, quanto professora mais recente, com a fala do Emerica de que ele era só mais um que estava lá, que não queria nada, mas uma professora percebeu que ele gostava de histórias em quadrinhos e aí foi assim que ela modificou a vida dele. [...]”. (Professora)

A relação da professora com as histórias em quadrinhos vai além do contato por entretenimento. Ela entende a importância do acesso das HQs na vida das crianças e adolescentes, seja para aquisição de leitura e escrita, mas como forma de ocupar espaços. A professora compreende que uma visão preconceituosa a respeito desse gênero já não faz mais sentido dentro de espaços de produção científica como o espaço acadêmico. Assim, levanta questões importantes a respeito de como professores em formação estão tendo vivências que possam ser aproveitadas dentro da sala de aula com seus educandos.

## 5.2 O PROCESSO DE UTILIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA SALA DE AULA

“Eu comecei a juntar histórias em quadrinhos. Comecei a perguntar a uma pessoa e outra: ‘você tem uma história em quadrinhos que você possa me dar para eu levar para a escola e tal?’. [...] Então as HQs ficavam geralmente guardadas e aí duas, três vezes na semana eu montava o tapete literário, onde eu colocava tanto os livros de literatura como as histórias em quadrinhos. Eu percebi que tinha uma criança em específico que ele era quem mais gostava das histórias em quadrinhos. Ele chegava e já perguntava todos os dias se ele podia ler história em quadrinho. E aí eu o deixava ler sempre, colocava em cima da mesa e ele pegava duas, três e se escondia debaixo da mesa dele para que ninguém tomasse.” (Professora)

Perguntamos à professora como surgiu a ideia da utilização das histórias em quadrinhos dentro da sala de aula, ela nos informou que a partir de um tapete literário, que era realizado algumas vezes na semana, mas que pela resposta positiva das crianças, ela passou a disponibilizar todos os dias. A relação com as HQs surgiu com a inquietação da docente por seus educandos dizerem que não gostavam de desenhar.

“[...] As crianças da minha turma não gostavam muito de desenhar. E aí eu não entendia o porquê que elas não gostavam de desenhar. Quando eu pedia para elas desenharem, elas não conseguiam trabalhar a criatividade a partir do desenho. Às vezes elas me contavam o que queriam fazer, mas diziam que não sabiam desenhar. Então eu comecei a dizer para elas: ‘olha, mas a gente sabe desenhar da nossa forma.’ E aí comecei a estimular o desenho também como uma linguagem. Eu trabalhava o desenho como uma literatura, dizia para eles que desenho era um texto que a partir dele a gente poderia fazer uma leitura oral, que não necessariamente precisava ter um texto. Eles não compreendiam muito bem por que todos os livros tinham textos. E aí eu comecei a pegar como exemplo as histórias em quadrinhos, fui mostrando que as histórias em quadrinhos tinham história, que era só um texto e que você precisava criar uma história, e aí vinha da sua cabeça e você precisava se atentar que a história que você estava contando tinha que ter a ver com o desenho que estava lá.” (Professora).

A relação imagem e texto das histórias em quadrinhos foi utilizado aqui pela professora como forma de prática de leitura. Mesmo sem saber ler, as crianças foram desafiadas a ler as imagens. Na fala da professora, é importante perceber que essa leitura também envolvia a imaginação da criança ao “criar” uma estória a partir do que já tinha sido feito, mas sem deixar de lado a percepção do que se passava no desenho, seu contexto e elementos, para que a história fizesse sentido.

Figura 10 - Crianças no tapete literário



Fonte: arquivo pessoal da professora.

Além do tapete literário, a professora informou que outra ferramenta impulsionou o uso das HQs: o livro didático.

“[...] A gente tinha esse material ampliado da história em quadrinhos e era da princesa. E eles começaram a perceber que a história tinha só desenho e que tinha também texto escrito. E aí a gente começou a explorar esse texto... quais eram os elementos que tinham lá? Como que a gente poderia organizar uma história em quadrinhos? Qual era a estrutura da história em quadrinhos? Então surgiu o interesse das crianças em dar continuidade. A gente fez a atividade do livro, que era muito básica para o que de fato é a história em quadrinhos. E aí as crianças começaram a perguntar se a gente não podia ampliar. A gente construir as nossas histórias. E aí surgiram as sequências didáticas, porque foram mais de uma semana a gente trabalhando a história em quadrinhos.” (Professor).

Podemos concluir que, de fato, as crianças gostam de ler e produzir histórias em quadrinhos. Observamos que a proposta de ampliar a criação das HQs partiu das próprias crianças que já tinham familiaridade com o gênero, já estavam inseridas em contextos que as possibilitaram manusear, explorar e ler histórias em quadrinhos.

A abordagem que a professora utilizou para a sequência de atividades foi uma sequência didática. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010) a sequência didática é “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Ou seja, é a organização de atividades, seguindo passos, metodologicamente pensados em torno de um gênero. A sequência didática, nesse caso, iniciou com o desenho, mas que possibilitou à professora trabalhar outros aspectos como oralidade, além da leitura e da escrita.

“Primeiro a gente começou com a produção oral desse texto. [...] E aí a gente foi trabalhando oralmente. Eu começava a dizer para eles que uma história precisa ter começo, meio e fim. E que ela tem que ir dando sequência. E aí a gente começou a gravar. A gente começou a gravar o que a gente construía. Eu comecei a levar imagens e eles precisavam das imagens para construir a história deles. No dia seguinte a gente ouvia a história que tinha sido gravada e aí a gente percebia se a gente queria mudar alguma parte ou não. Quando a gente queria, fazíamos uma votação no grupo e decidia: “vai ter uma mudança na história. Ok. O que que a gente vai mudar?” E aí a gente sentava e fazia a mudança. Depois escrevemos a história toda em texto. Eu fui a escriba [...]. Agora a gente vai passar para o desenho. Aí a gente começou a desenhar.” (Professora)

A partir dessa fala da professora, compreendemos a necessidade de organizar as etapas da construção de uma história. Primeiro com a construção oral, trabalhando outra prática da linguagem: a oralidade. Além disso, o papel da professora como escriba contribui para a prática de letramento, onde além da produção oral, as crianças puderam perceber que podem escrever o que foi criado por elas.

“Só que eles desenhavam uma coisa em cada folha. Então eu comecei a relacionar isso com a história em quadrinhos. ‘Mas como é uma história em quadrinhos?’ ‘Tia, tem que desenhar dentro dos quadradinhos.’ ‘Mas quantos quadradinhos têm que ter?’ ‘Eu não sei... eu acho que tem que ter muitos.’ ‘Será que tem que ter muitos? Será que tem que ter poucos?’. Comecei a levar papéis ampliados com páginas de história em quadrinhos. Eu levei só a forma da Mônica, sem nada escrito, só o desenho para eles poderem criar essa história do jeito que eles achassem que era. [...] Eles viram como era e a gente começou a construir a nossa própria história em quadrinhos. Primeiro a gente começou no caderno de desenho. E aí a gente fez relacionado à história em quadrinhos que a gente tinha escutado que era a da Princesa Margarida. Depois da Princesa Margarida, a gente foi criar a nossa história. Muitos deles construíram a mesma história da Princesa Margarida. Outros começaram a desenhar a história da Branca de Neve.”

(Professora)

Figura 11 - História em quadrinho sem balões de fala



Fonte: Arquivo pessoal da professora.

Neste momento, a proposta de atividade era somente o desenho. As crianças sem escrever, foram desafiadas a produção da sua própria história em quadrinho apenas com o desenho. É interessante observar que dentro dos tipos de HQs existentes, há quadrinhos que são feitos propositalmente sem texto escrito, a sua leitura se faz apenas com as imagens.

Além disso, a professora explicou o motivo pelo qual a primeira proposta foi apenas a criação de quadrinhos sem texto.

“A gente começou a história em quadrinhos só com desenhos. E aí eles iam desenhando e precisavam contar oralmente o que é que eles tinham feito, como era a história deles. Seguimos assim por uma semana. Todos os dias a gente criava uma história sem o texto. [...], mas nessa criação de história sem o texto, eu apresentava os balões de fala. Quais são, qual é o balão do pensamento, qual é o balão da ideia, qual é o balão de que a criança está com raiva, qual é o balão da fala quando ela está apaixonada [...] E aí eles começaram a ver os balões de fala. Junto com os balões de fala, no dia seguinte a gente trabalhou as onomatopeias. E aí eu levei ampliado uma folha só com onomatopeias. [...]” (Professora)

Os elementos que compõem as histórias em quadrinhos foram apresentados pela professora nesse momento. É interessante perceber que essa apresentação se deu dentro da

prática, enquanto as crianças produziam suas histórias. Os elementos foram apresentados para elas, com a professora explicando sua função, bem como a diversidade de cada um, como é o caso dos tipos de balões, por exemplo. Os balões e as onomatopeias são exemplos de linguagem escrita nas HQs, assim, a docente aproveitou para sugerir o próximo passo: a escrita da história.

“Com o passar dos dias foi proposto que a gente escrevesse, de fato. E que agora a gente usasse os balões de fala. Alguns disseram: ‘mas eu não sei escrever, tia, mas eu não sei como colocar esse texto aqui’; ‘tia, mas o texto está muito grande, o balão ficou bem pequenininho, não vai caber’. Eu comecei a dizer assim ‘e se a gente escrevesse primeiro o texto e depois usasse o desenho do balão do texto, do balão da fala?’. Eles começaram a pensar em outras possibilidades para caber tudo dentro daquele cantinho. Só que a princípio eu levei um layout, e eu disse para eles ‘olha, uma história em quadrinhos tem um layout e o que é um layout?’ E aí a gente foi levantando as suposições do que seria um layout. ‘tia, um layout deve ser a forma que tem que estar. Tem que estar dentro dos quadradinhos, tem uns quadradinhos aí e é um layout.’ ‘Mas o layout pode estar todos deitados ou todos em pé ou alguns quadradinhos em pé e alguns quadradinhos deitados.’. ‘O layout significa que eu não posso desenhar fora dos quadradinhos.’. ‘Mas se o quadradinho não tiver uma linha, se só tiver um espaço, não é um quadradinho?’ E aí eles começaram a supor. Então eu pego a historinha da Turma da Mônica que tem alguns quadradinhos e alguma parte da história que não tem o quadradinho de fato garantindo que tem que ser feito naquele espaço... e aí eles começaram a perceber que também podia. E aí a gente começou a produção escrita dentro da história em quadrinhos”. (Professora)

As histórias em quadrinhos apresentam uma variedade de possibilidades, desde a forma do desenho, como também os elementos, com diferentes balões, letras, cores, vinheta ou requadro. Ao mostrar para seus estudantes que as HQs não têm necessariamente uma forma pronta, isso estimula a criatividade das crianças, uma vez que dá a oportunidade de brincar, experimentar, inventar dentro do gênero.

Neste momento, a professora percebeu dificuldades, pois segundo ela, sua turma é diversa, com crianças no nível pré-silábico<sup>1</sup> ao nível silábico-alfabético. Ela identificou uma criança que não se contentou apenas com os desenhos e começou a escrever de fato. Essa

---

<sup>1</sup> Segundo Coutinho (2005) essa fase se trata de uma fase elementar que a criança tem acerca da escrita. Nesta fase a criança ainda confunde letras com desenho, números, garatujas e rabiscos.

criança cuja escrita já se aproxima da escrita alfabética, relacionando grafemas e fonemas, estando no nível silábico-alfabético (Coutinho, 2005), criou sua HQ com texto escrito.

O contrário também aconteceu, uma das crianças destacada pela professora que adorava ler histórias em quadrinhos, participava das atividades, estava no nível alfabética-ortográfica, mas não conseguia estruturar seu texto. A professora conta que ao ser perguntado sobre o que era a história, ele não conseguia responder, mas o desenho estava lá.

“E aí eu acho que vem muito dessa importância porque a história em quadrinhos tem muitos desenhos então ela possibilita uma leitura de mundo, o que a criança já tem guardado dentro da gavetinha dela aqui ela vai conseguir tirar. A partir da criatividade dela reconstruir ou construir uma história da forma que ela achar mais prazeroso. [...] Eles tinham muita dificuldade disso, eu dizia assim: ‘imagina a história, cria a sua história’, tinha criança que dizia assim ‘tia, mas não dá porque tem um texto. Eu é que não sei ler.’ E foi o que eu acho que levou a gente a continuar com a história em quadrinhos, pelo menos um mês de trabalho.” (Professora)

A leitura das crianças, como a professora conta, é feita a partir da leitura de mundo que essas crianças já têm. As experiências do dia a dia, seja com a família, com seus pares ou na escola, essas vivências dão suporte para o envolvimento da criança na atividade. Envolvimento esse que reverbera em outros momentos, como conta a professora.

“Hoje já não parte mais de mim, mas parte deles. Por exemplo, a gente fez a história dos três porquinhos e aí foi uma sequência didática também, dos três porquinhos, só que teve um determinado dia que eles precisavam fazer um desenho do que eles mais gostaram da história ou do que eles queriam mudar. [...] E aí muitos deles olhavam e perguntavam se podiam desenhar dentro dos quadrinhos. E aí eu disse que podia, que podia ser da forma que eles achassem melhor. E aí eu tinha muitas crianças desenhando dentro do quadrinho. Uma história que não foi pedida para ser construída dentro de uma história em quadrinhos. Então mostrou que de fato foi significativa para eles fazerem durante um mês trabalharem com as histórias em quadrinhos.”

(Professora).

Ao fim da sequência didática a professora optou por expor as histórias em quadrinhos criada por seus educandos. E a partir do que conta a professora, esse momento também foi um momento de aprendizagem, já que gerou debates entre as crianças, entre outras interações.

“Eu deixei em uma parede ainda está exposto todas as histórias em quadrinhos da manhã e da tarde. E aí eu expus manhã e tarde juntas. Por quê? Porque eles vão ter acesso não só a história deles, mas a história de



outras pessoas. [...] As crianças que sabem ler ou que já estão em nível que já conseguem ler palavras ou que estão lendo sílabas, começam a tentar ler o que o outro escreveu. E aí eles começam a entender que tem sentido que o que a gente escreve também é lido e eles começam a tentar. Às vezes eles não sabem ler e aí eles chamam o outro que sabe e dizem assim “lê aqui para mim o que está dizendo nessa história em quadrinhos da Margarida.”  
(Professora).

Figura 12 - Mural com as histórias em quadrinhos



Fonte: arquivo pessoal da professora.

As crianças foram instigadas a não só criar suas próprias histórias, mas ler a de seus colegas, tentando compreender o que cada história queria dizer. Mesmo com crianças ainda não alfabetizadas, essa compreensão por meio da leitura foi possível, como diz a professora.

Enquanto a professora contava sobre o uso das histórias em quadrinhos dentro da sala de aula, surgiu em uma das suas falas, um apontamento bastante importante: a relação da comunidade escolar com a prática da professora.

“Quando a minha diretora me perguntou por que eu estava há 15 dias trabalhando história em quadrinho, eu pude dizer para ela que a gente estava trabalhando histórias em quadrinhos, mas a gente estava se aprofundando na história de fato. Estávamos trabalhando na questão da construção de uma história oral para depois uma história escrita, que eu estava trazendo para as crianças algo que, por vezes, elas não vão ter acesso em casa com facilidade. Estávamos trabalhando o desenho, não só o desenho, mas a organização mental dessa criança no desenho. Que apesar de tudo isso, ela consegue ver que ela pode desenhar, que ela pode escrever, que quando ela a desenha já está conseguindo fazer também, dentro desse desenvolvimento motor, essa percepção da escrita, de que ela consegue escrever. A criança começa a perceber e aí foi uma das coisas que eu disse, a minha criança que é pré-silábica, que ainda confunde letra com símbolo, ela começa a perceber que no desenho existe a letra, existe o desenho, existe o símbolo, que ela pode desenhar um coração, mas que ela também pode escrever a palavra coração e como que eu vou escrever essa palavra coração? Ou como que eu vou escrever que o outro está amando, que é amor, já que para ela é algo tão grande, tão grande, tão grande que não se pode pegar e ela costuma desenhar milhares e milhares de corações para dizer o quanto ama? Então foi uma forma também de trabalhar isso na criança, a percepção de que não é só aquilo que a gente pega, que é palpável, que pode ser escrito, mas que o sentimento também pode ser escrito, ele também tem uma forma de grafia”  
(Professora).

Esse procedimento de apropriação do sistema de escrita alfabética por parte da criança, acontece quando ela percebe que o concreto, no caso relatado pela professora, o desenho do coração - o significado - pode ser escrito para representar o que ela quer dizer - o significante (Soares, 2020).

Esse processo dentro da alfabetização é bastante complexo para a criança, assim, a professora ao utilizar as HQs possibilitou a aprendizagem da escrita, mas que possibilitou o desenvolvimento do desenho, por exemplo. Demonstrando que o conhecimento sistematizado proposto na atividade foi da aquisição da leitura e da escrita, mas que a partir dele, a criança foi apresentada a outros aprendizados, como Abrahão (1977, p.147) informa:

“Neste sentido, a literatura em quadrinhos, como veículo de aprendizagem para as crianças, não só é capaz de atingir uma finalidade instrutiva (ensino direto ou central), pela apresentação dos mais diversos assuntos ou noções. Mais do que isso, e principalmente, consegue preencher uma finalidade educativa (ensino concomitante), por um desenvolvimento, que produz, de ordem psico-pedagógica, isto é, dos processos mentais e do interesse pela leitura.”

Em outro momento, a professora comenta que suas colegas de profissão ficaram surpresas ao saber que ela ainda estava promovendo a atividade de quadrinhos com as

crianças. Para ela, a experiência teve boas consequências pelo fato de ter passado um mês desenvolvendo as atividades junto com as crianças.

“Foi uma das coisas que eu até compartilhei com a coordenação e ela disse que ia enviar para a mãe da menina, para a mãe da menina ver. Porque eu disse que a partir da história em quadrinhos, a Joana, por exemplo, conseguiu perceber, ela sempre gostou de desenhar e aí quando ela começou a ver que o desenho dela também poderia ser organizado de uma outra forma e que ela poderia tentar escrever sobre isso, foi quando ela tirou da gavetinha que ela conseguia. E aí ela começa a fazer muito disso, de tentar escrever pequenos textos, pequenas palavras. O que ela não sabia, ela dizia assim: ‘mas como que eu escrevo essa palavra?’ [...]. Quando a criança começa nessa construção da história em quadrinhos, ela começa a ver que aquilo que ela está pensando está ganhando uma forma, ela começa a discutir com esse gênero. E aí ela começa a dar uma importância maior para esse gênero”. (Professora).

A professora salienta que foi importante o tempo da sequência didática, pois isso permitiu que as crianças tivessem um maior contato com o gênero, podendo explorar e discutir. A imersão na atividade contribuiu para aprendizagem, além de garantir a possibilidade da professora em avaliar o processo.

“Eu acho que foi muito disso, eles perceberem a importância que tem do desenho. Nesse processo de compreensão, mas que também a partir do desenho ele pode produzir um texto escrito e aí se tornou mais prazeroso, porque não é uma cópia, ele não está só copiando algo ou fazendo uma atividade do livro que ele precisa fazer mesmo que não seja interessante. Mas que ele precisa ir lá juntar letras, sílabas, escrever. [...] ‘Tia, como é que eu escrevo tal palavra?’. Aí a outra criança que está lá no outro grupão, começa a dizer: ‘É o B e o A. É o C e o O.’” Então eles vão juntos construindo esse processo de alfabetização e letramento, o que não deixa de ser tão importante porque a gente sabe que nós já vivemos em um mundo que nos traz essa alfabetização e esse letramento diariamente, mas a gente acha que só a escola é quem faz esse trabalho sendo que fora da escola a gente já está imerso nesse ambiente letrado, seja porque tem o nome da rua, seja porque tem o número da casa. [...] Então é muito disso, de tentar trazer a realidade para dentro da sala.” (Professora)

A professora traz apontamentos importantes acerca da sociedade letrada em que vivemos. As crianças e adolescentes estão cercados de gêneros que cumprem uma função social, a escola é responsável e, faz com que esses indivíduos não só conheçam, mas também

produzam. Embora a alfabetização, como já vimos anteriormente nesta pesquisa, seja a apropriação da tecnologia da leitura e da escrita, essa apropriação de forma sistemática e organizada será feita na escola.

“Eu acho que no final a gente conseguiu compreender que de fato, surtiu a avaliação dessa atividade que era ao longo do processo, ela foi de fato acontecendo. Por quê? Porque até as crianças que ainda não tinham propriedade dessa escrita ou que ainda não tinham, mas que com a ajuda do outro foi construindo, ela conseguiu a partir do desenho, iniciando pelo desenho e de ir nesse construto diariamente, sabendo que ela também pode escrever e juntar as letras. Algumas vezes a gente trabalhou com alfabeto móvel para tentar construir a palavra que ia estar lá no texto da história em quadrinho. Então ela conseguia ver como fazer isso. Se ela tinha escrito a história em quadrinho, e aí, por exemplo, o S estava espelhado, eu trouxe o alfabeto móvel em plástico para que ela visse qual era de fato, o lado em que o S teria que ficar e aí ela começa a perceber isso. Então, assim, nós iniciamos na perspectiva de desenvolver a linguagem do desenho, mas para além da linguagem do desenho também ter a aquisição da leitura e da escrita. E aí, quando a gente chega no final e percebe as crianças, por exemplo, paradas de frente para as histórias em quadrinhos e tentando ler, eu acho que isso comporta a pergunta de que nós iniciamos com uma pegada que era o desenho e aí talvez no começo tenha sido o desenho pelo desenho, de fato, porque nós estávamos seguindo aquilo que era proposto pelo livro, era uma atividade que era proposta pelo livro, mas que vendo o engajamento das crianças nessa proposta a gente conseguiu dar uma continuidade e lá no final a gente percebeu que elas já estavam sendo produtoras de textos e leitoras de textos. Elas tentavam ler o texto do outro, sendo que cada um lê da forma que sabe. Tem o que vai ler a palavra, vai ter o que vai ler o texto e vai ter o que vai ler o desenho porque é aquilo que ele sabe ler no momento. Então, eu acho que é muito disso, de que nós começamos na perspectiva do desenvolvimento gráfico do desenho, mas que nós também comportamos toda a questão da alfabetização e do letramento, sem esvaziar a prática da leitura e da escrita dentro da sala de aula.” (Professora).

O uso das histórias em quadrinhos como observado pela professora começa a partir do desenho, mas foi inserido no cotidiano escolar das crianças por ela, através do tapete literário. Ou seja, as crianças puderam explorar o gênero, a fim de que, posteriormente, ao serem questionadas sobre as HQs, pudessem formular suas suposições. Embora a atividade tenha surgido no livro didático, a professora teve a percepção de aprofundar o assunto percebendo o

interesse das crianças, e a partir daí organizar uma sequência didática que trabalhou diversas linguagens, mas possibilitando, principalmente, a alfabetização e o letramento.

“Iniciamos com o produto inicial que é o desenho, mas a gente sai com o produto final que é o desenho, é a organização contextualizada do pensamento, da criatividade e aí a gente toma, pelo fim, a leitura e a escrita de diferentes formas e perspectivas de cada criança dentro da sua subjetividade. Então, eu acho que é muito disso, a sequência didática ajudou perceber um desenvolvimento que às vezes a gente acha que é muito pouco, mas que quando a gente percebe, por exemplo, numa sequência didática dessa a gente vai ver que a criança que lá no começo não conseguia nem desenhar, ela sai pelo menos, com um desenho que de fato, reflete o que ela quer contar e com um texto, mesmo que seja curto, daquilo que ela quer falar. Então, a gente consegue atrelar o pensamento e a linguagem, principalmente a oral e a escrita dentro desse processo.” (Professora)

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho tivemos o intuito de analisar as percepções de uma professora do 1 ano do Ensino Fundamental acerca do uso de histórias em quadrinhos para a aprendizagem inicial da leitura e da escrita, para isso, utilizamos uma entrevista semiestruturada onde obtivemos respostas para as questões levantadas.

Para atingir a compreensão foram traçados dois objetivos específicos onde o primeiro foi apresentar o conhecimento da professora em relação às histórias em quadrinhos, assim percebemos que a professora apesar de não ter tido leituras teóricas em sua formação a respeito do tema, conhece o gênero através do seu próprio contato com as histórias em quadrinhos durante a infância e principalmente enquanto adulta. Outro aspecto relevante é a importância que a mesma dá para a aproximação das crianças com as HQs no sentido de se apropriar do gênero como meio cultural, segundo ela, é importante ocupar os espaços que as histórias têm.

Já no segundo objetivo específico tratou de descrever as abordagens para a utilização das histórias em quadrinhos na aprendizagem inicial da leitura e da escrita, verificamos que a professora começou com práticas de leitura, utilizando-se do tapete literário, onde as crianças tiveram acesso a uma diversidade de gêneros textuais, entre eles, as histórias em quadrinhos. Posteriormente, por meio de uma atividade do livro didático, a professora percebeu a dificuldade que as crianças tinham em desenhar e desenvolveu uma sequência didática a partir disso, dando início a produção de histórias em quadrinhos. A sequência didática, embora não tenha como produto inicial a escrita e a leitura, foi possível trabalhar a alfabetização e o letramento com a turma. As atividades propostas pela professora trabalharam práticas de oralidade, leitura e escrita, mas outras como discussões entre as crianças, interações, podendo observar as diversas possibilidades que as histórias em quadrinhos podem acarretar.

Assim, acreditamos que as histórias em quadrinhos contribuem para a aquisição inicial da leitura e da escrita, mas que também podem ser usadas como recurso no ensino de outras habilidades como o desenho, organização do pensamento, entre outros. O gênero histórias em quadrinhos também tem um papel de inserção dentro da cultura, sendo um produto cultural, ele produz outros conhecimentos que se mostram importante para crianças e adolescentes, bem como para o público adulto. Por muito tempo os quadrinhos tiveram a

margem da sociedade justamente por ter seu “alvo” principal as crianças, e quando se passou a perceber sua influência uma das primeiras ações foi descredibilizar, sufocando o gênero de preconceito e perseguição. Entendemos que para que a sequência de atividades e vivências cumpra seu papel pedagógico, a professora precisa ter conhecimentos a respeito do gênero, pois o grau de aproximadamente com o recurso - no caso as HQs - também reverbera nas possibilidades que ela irá apresentar a seus educandos.

Obviamente a pesquisa trata apenas de analisar a percepção de uma professora, entendendo que existem outros que também trabalham as histórias em quadrinhos dentro da sala de aula. Para futuras pesquisas pode-se investigar a visão das próprias crianças em relação às HQs, tentando compreender como o processo de produção de quadrinhos pode contribuir em seu caminho como leitores e produtores de texto.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Azis. Pedagogia e quadrinhos. *In*: MOYA, Alvaro de. **Shazam!**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p.137-170.

BAKHTIN, Mikahil. **Os gêneros do discurso**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em: 03 set 2023.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAGNIN, Antonio Luís. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.

CARVALHO, Beatriz Sequeira de. **O processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos**. Tese (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.176. 2017.

COUTINHO, Marília de Lucena. Psicogênese da língua escrita: o que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores. *In*: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (Orgs). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.47-70.

COSTA, Robson Santos. As histórias em quadrinhos como gênero discursivo. **Anais do SILEL**. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em: [https://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2009\\_gt\\_lg10\\_artigo\\_1.pdf](https://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2009_gt_lg10_artigo_1.pdf). Acesso em: 08 out. 2023.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernad; DOLZ, Joaquin. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

GRUPO NOVA LONDRES. Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuro Sociais. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 101–145, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5578>. Acesso em: 9 nov. 2023.

JUNIOR, Gonçalo. **A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos 1933-44**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.



MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA; Maria Auxiliadora (Orgs). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2007.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

\_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4. ed. Belo Horizonte - MG: Autêntica Editora, 2010.

VERGUEIRO, Waldomiro; BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (orgs). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.